



Turismo, Comércio e Patrimônio em São João D’el Rey – MG

Everaldo Batista da Costa¹

1 - Introdução

Este trabalho sintetiza os resultados de uma pesquisa que teve por objetivo geral compreender o turismo estabelecido em São João D’el Rey – MG, bem como a organização do espaço em seu centro histórico, geograficamente. Possuidor de um conjunto arquitetônico de relevância no contexto nacional, o qual se estabelece no espaço como projeto de uma sociedade colonial marcado ao longo de mais de trezentos anos, o centro histórico de São João D’el Rey figura-se como atrativo turístico e significativo centro comercial regional.

Para atingir o objetivo proposto, adotamos uma abordagem teórico-metodológica que nos auxilia a desvendar e a encurtar caminhos. Estes caminhos estão vinculados à questão da relação entre a produção do espaço, o turismo e o patrimônio cultural, pois a presente organização sócio-espacial do centro histórico de São João D’el Rey cristaliza diferentes épocas e variadas fases produtivas, de forma que, na contemporaneidade, este espaço central apresenta especificidades características de núcleos urbanos fortemente atrelados à racionalidade do capital especulativo e do descompromisso público-privado com a sociedade e com o lugar.

2 - Espaço, turismo e patrimônio: uma relação imbricada

A relação que se dá entre o espaço, o turismo e o patrimônio, em São João D’el Rey, não foge da lógica especulativa e hegemônica do capital, que age pontualmente, escolhendo onde, como e quando atuar; lógica que favorece uma ponte local – global, e que produz um espaço urbano central diversificado do ponto de vista das ações, dos usos e dos objetos; uma diversificação representada pela manutenção de antigas formas, velhos e novos conteúdos. Vemos, no centro histórico da cidade - um espaço constituído de um patrimônio cultural considerável - ações que atuam sobre estes objetos para se aproveitarem de seu valor histórico-cultural, estético e pela centralidade que o núcleo representa.

¹ Geógrafo e Mestrando em Geografia Humana pela USP. Email: everaldo_usp@hotmail.com. O artigo sintetiza os resultados do Trabalho de Graduação sob orientação da Profa. Dra. Rita de Cássia Ariza Cruz (FFLCH/DG – USP).



Em nossa análise, consideramos o espaço como um “sistema de objetos” e um “sistema de ações” de forma indissociável (SANTOS, 2002), pois tanto objetos como ações não têm vida própria se não forem tomados em conjunto (RODRIGUES, 1996). Esta relação entre sistema de objetos e ações proposta por Milton Santos para entendermos o espaço, é considerada por Rodrigues (1996) a mais pertinente para reconhecermos o fenômeno do turismo.

Não podemos desconsiderar que os objetos e as ações, na contemporaneidade, devido à nova “Era da Informação”, resultado do avanço da ciência, do surgimento de novas técnicas, novos processos, novos tipos de relações sócio-espaciais e da instantaneidade da informação, inserem-se numa nova dinâmica onde o espaço e o tempo são redimensionados e os objetos tomam lugar das coisas, cada vez mais, nesta nova lógica.

As “formas-conteúdos”, “sistemas de objetos” e “sistemas de ações”, propostos por Santos (1986, 2002), são bem representadas pela materialidade e usos presentes no centro histórico de São João D’el Rey; onde formas, funções, estruturas, e processos² espacializam-se, respondendo, hoje, à lógica da refuncionalização e mercantilização do patrimônio voltada para atender a demandas turísticas e comerciais.

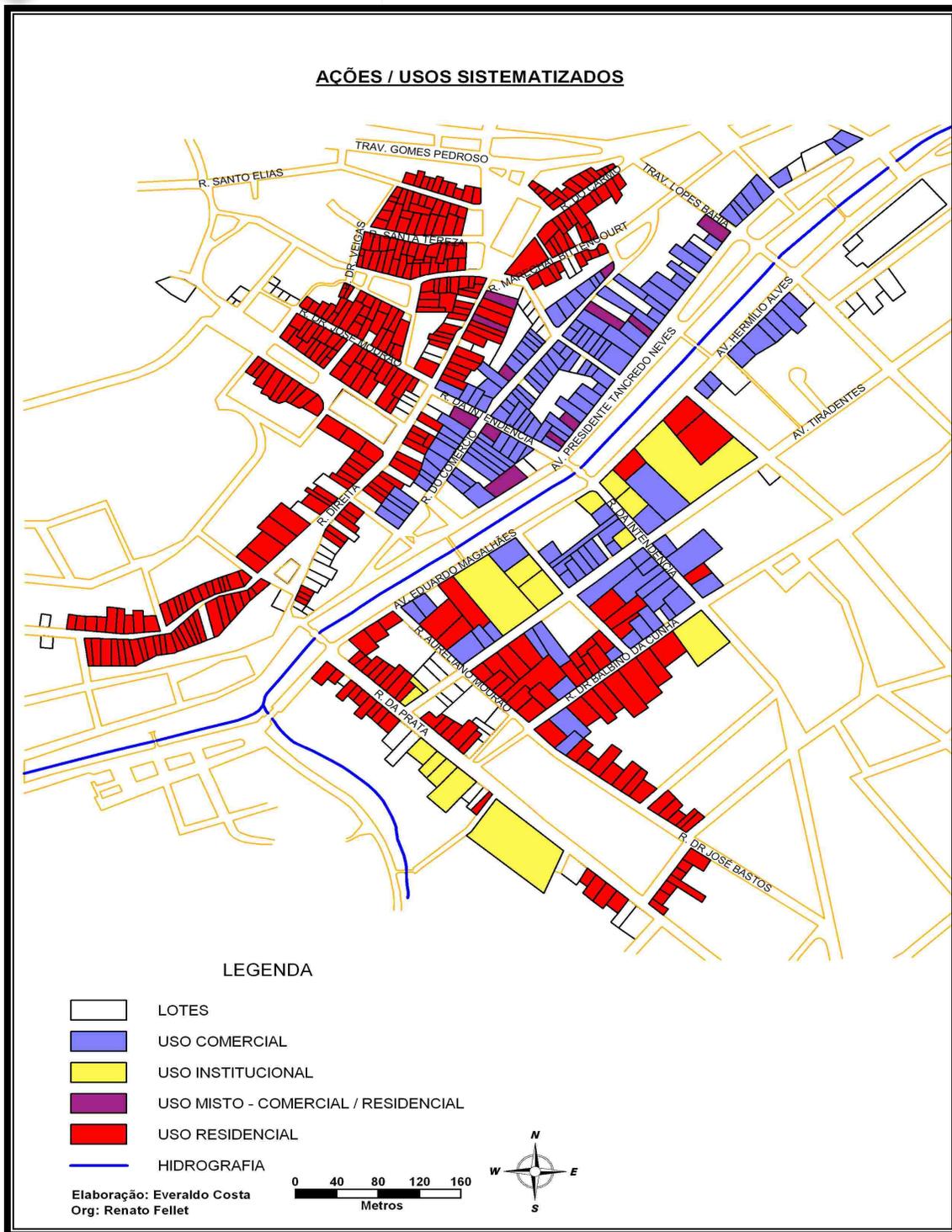
Compreendemos que os espaços modificados pelos processos históricos e atuais, constituídos por objetos sociais tornam-se mercadorias entrando no circuito da troca e na esfera da comercialização, seguindo padrões ditados externamente. O valor de troca, estabelecido no “espaço mercadoria” (CARLOS, 2001), se impõe aos usos do espaço na medida em que os modos de apropriação são determinados pelo mercado mundializado. Consideramos o consumo do espaço, dos bens culturais, no movimento de seu valor de uso para o valor de troca. Este processo redundando na mercantilização dos lugares; entretanto, interessa-nos, aqui, entender o espaço voltado ao turismo, única atividade social que consome elementarmente o espaço (CRUZ, 2003), atividade que está inteiramente relacionada com os ditames da globalização de valores culturais, sociais, econômicos e políticos.

² **Forma:** Aspecto visível, exterior do objeto; o arranjo destes fornece o padrão espacial. **Função:** tarefa, atividade ou papel a ser desempenhado pelo objeto criado. A relação entre forma e função é direta: uma forma é criada para desempenhar alguma função, ambas não se dissociam. **Estrutura:** Modo como os objetos estão organizados, como estão relacionados entre si, ela é invisível, não é como a forma, parte da paisagem. É a natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo. **Processo:** Ação que se realiza continuamente, visando a um resultado; implica tempo e mudança, é histórico. É uma estrutura em seu movimento de transformação. (LOBATO CORRÊA, 2003)



Desta maneira, a análise do *sistema de objetos* e do *sistema de ações* estabelecidos no centro histórico de São João, estudados segundo suas *formas*, *processos* de construção, *estrutura*, *funções* pretéritas e atuais, para adotar uma metodologia proposta por Milton Santos, permite-nos entender e discutir a questão patrimonial, o turismo e a organização do espaço, cuja essência é social, no conjunto urbano tombado, no âmbito da geografia.

3 – Turismo e organização sócio-espacial no centro histórico “preservado”



Constituem o sistema de objetos, no centro histórico de São João, os “objetos atrativos” (igrejas, sobrados, pontes de pedra, passos da paixão etc.) e os “objetos suporte” à atividade do turismo (restaurantes, pousadas, hotéis, bares, lojas de artesanatos e estanhos, Complexo Ferroviário [liga São João a Tiradentes], shopping [novo], Aeroporto Otávio de Almeida Neves



[possui uma rota comercial que liga a cidade ao Rio de Janeiro e a Belo Horizonte] etc.), que se estruturam caracterizando um turismo *em fase de desenvolvimento na cidade*, conforme observado em diversos campos realizados.

Os usos tipicamente residenciais, tipicamente comerciais e institucionais do espaço, no centro histórico, representam ações sociais sistematizadas que nos revelam as necessidades dos agentes envolvidos nesta organização espacial.

Desta maneira, a análise *in loco* permitiu-nos identificar três eixos de desenvolvimento no centro histórico da cidade, ao sobrepormos objetos e ações representadas no mapa temático acima. Verificamos a existência de três subespaços a saber, o *eixo colonial*, o *eixo comercial* e o *eixo eclético*, ou seja, há a coexistência, grosso modo, de três distintas espacialidades que concentram ações e usos específicos que dão singularidade espacial ao núcleo, no bojo das cidades turísticas mineiras. Enquanto o *eixo colonial* do centro histórico caracteriza-se, principalmente, por concentrar a maior parte do patrimônio cultural tombado da cidade, que se apresenta como atrativo para a “indústria” do turismo e também é marcado pela forte presença do residente, o eixo comercial centraliza os serviços e o principal comércio de São João; o eixo eclético, por sua vez, caracteriza-se pela diversidade dos usos, predominando o institucional, o comercial/serviços e residencial.

O mapa esboça um *eixo colonial* (ruas Direita, Santo Antônio, da Prata, e algumas transversais) que guarda uma peculiaridade em termos de usos; visualizamos um conjunto colonial barroco, que é apropriado pelo turismo da cidade, caracterizar-se pela marcante *presença do residente*, ou seja, apesar da existência de objetos suporte ao turismo, notadamente ao redor dos principais atrativos, que vêm passando por um processo de refuncionalização atrelada a uma lógica externa e mercantil, estes não se aglomeraram por todo o eixo, reservando, ainda, este espaço a quem de direito, à população local.

Já o *eixo comercial* (foto 01) é dotado de arquitetura colonial setecentista em menor número, e de uma elevada concentração de bens representantes do período da produção do espaço urbano eclético e contemporâneo, na cidade. As ruas que compõe este eixo são a rua Do Comércio, Da Intendência, Sebastião Sete, Tancredo Neves e Manuel Anselmo; localizam-se logo abaixo do eixo colonial, tangenciando a margem esquerda do Córrego do Lenheiro, que atravessa o núcleo tombado. Este eixo é expressão máxima, no âmbito do núcleo histórico, do uso comercial/serviços e da transformação do espaço urbano através de ações que buscam o



desdobramento da dinâmica comercial que subsidia uma demanda interna e externa, seja através de atendimento às necessidades locais/regionais, seja através do suporte ao turismo que se desenvolve.



Foto 01 – Rua da Intendência – eixo comercial. Foto do autor/ jan. 07.

Por fim, como extensão do eixo comercial, identificamos o *eixo eclético* (à margem direita do Córrego do Lenheiro), que concentra significativo uso comercial, de serviços e principalmente *institucional*; atende à população local e regional, além de centralizar parte do uso residencial do centro histórico, conforme o mapa; contudo a população localizada neste eixo é representante da elite sãojoanense, dotada de maior poder aquisitivo que a do eixo colonial, dada a valorização dos imóveis, o preço dos aluguéis vigentes e os serviços especializados localizados neste eixo; espalham-se escritórios de advocacia, odontológicos, médicos, Santa Casa, Agências de Turismo, pousadas, restaurantes de comida mineira, danceterias, bares noturnos, o novo shopping, hotéis etc., caracterizando o ecletismo e o elitismo dos usos deste eixo.

4 - Considerações Finais

O centro histórico de São João D’el Rey possui, cristalizado, diferentes momentos de sua longa trajetória, enquanto um espaço modificado pelo homem com objetivo de se fixar, reproduzir, sobreviver e perpetuar. Suas antigas e novas formas, velhos e novos conteúdos

atestam nossa análise, uma vez que representam bem objetos e ações; ações que atuam sobre estes objetos dando-os novos conteúdos ou criando novos objetos; assim caracterizando a longa dinâmica social que lhe dá sentido.

Identificamos a coexistência de uma multiplicidade de usos e vivências sociais típicas de um centro urbano convergente; uma dinâmica particular de desenvolvimento econômico frente ao restante da cidade, onde o forte comércio local/regional e o turismo aparecem como as principais atividades desenvolvidas neste núcleo, um espaço que concentra um grande fluxo de mercadorias, pessoas e capital.

Ao reconhecermos as três espacialidades coexistentes - *eixo colonial, eixo comercial e eixo eclético* -, retratamos a realidade atual da produção do espaço no centro histórico, fruto de um processo evolutivo contínuo – que parte da dinâmica sócio-espacial estabelecida com o ouro, passando por outras atividades como o Comércio de Abastecimento, Fábricas de Tecidos, dinâmica com a criação do Complexo Ferroviário, para vermos, hoje, a forte presença comercial e turística no núcleo tombado –, vê-se um patrimônio refuncionalizado para atender a novos usos, configurando particularidades sócio-espaciais frente a outras cidades apropriadas pelo chamado turismo cultural, como a marcante presença de residentes no eixo colonial ou a concentração dos “objetos suporte” ao redor dos principais “objetos atrativos”, as igrejas setecentistas, ou ainda uma centralidade do comércio regional, no eixo comercial.

Por fim, reconhecendo que a refuncionalização do patrimônio nas cidades históricas o faz adquirir valor de mercado, entendemos que pode ocorrer um descompromisso com o passado, com o lugar e com as pessoas, através da nova tendência global que estabelece a mundialização de valores, relações e da própria cultura; uma nova dinâmica que deve ser apreendida para além do mero olhar, mas próxima da observação pertinente e coerentemente crítica, pois, apesar da pujança econômica observada no centro histórico de São João, identifica-se a produção de um espaço onde são negligenciados parte dos habitantes e o lugar; vigora a impossibilidade de acessos e sociabilidades múltiplas por parte de todos os grupos sociais na apropriação deste espaço, bem como agravam-se problemáticas espaciais, por serem *desconsiderados* o devido planejamento urbano e uma séria política de preservação do patrimônio cultural.



5 - Referência Bibliográfica

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O consumo do espaço*. In: CARLSO, A. F. (org.). **Novos Caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 2001.

COSTA, Everaldo B. **Turismo e organização sócio-espacial no centro histórico de São João D'el Rey – MG**. São Paulo: Universidade de São Paulo: TGI, Departamento de Geografia (USP - FFLCH), 2007.

CRUZ, Rita de C. A. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: ROCA, 2003.

LOBATO CORRÊA, Roberto. **Região e Organização Espacial**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

RODRIGUES, Adyr B. *Natureza e método de análise do espaço do turismo*. In: SOUZA, M. A. (org). **O mundo do cidadão, um cidadão do mundo**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Espacio y Método**. Barcelona (Espanha). Geo Crítica (Universidad de Barcelona), 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica, tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2002.